



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

FACULDADE DE LETRAS

Curso: LICENCIATURA EM LETRAS: PORTUGUÊS - GREGO

JAREDY RODRIGUES NUNES

Antifonte entre Atenas e Constantinopla:

Estudo e Tradução do Códice 259 da *Biblioteca de Fócio*

Rio de Janeiro

2025

JAREDY RODRIGUES NUNES

**Antifonte entre Atenas e Constantinopla:
Estudo e Tradução do Códice 259 da *Biblioteca de Fócio***

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação
em Letras: Português – Grego, da Faculdade
de Letras do Centro de Letras e Arte da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito para a obtenção do Título de
Licenciado em Letras: Português - Grego

Orientador: Prof. Dr. Ticiano Curvelo Estrela
de Lacerda

Rio de Janeiro

2025

CIP - Catalogação na Publicação

R972a

Rodrigues Nunes , Jaredy
Antifonte entre Atenas e Constantinopla: Estudo
e Tradução do Código 259 da Biblioteca de Fócio /
Jaredy Rodrigues Nunes . -- Rio de Janeiro, 2025.
38 f.

Orientador: Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Grego,
2025.

1. Tradução . 2. Retórica Grega . I. Curvelo
Estrela de Lacerda , Ticiano , orient. II. Título.

JAREDY RODRIGUES NUNES

**Antifonte entre Atenas e Constantinopla:
Estudo e Tradução do Códice 259 da *Biblioteca de Fócio***

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Letras: Português- Grego

Orientador: Prof. Dr. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda

Rio de Janeiro, 17 de Julho de 2025

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof., Dr. Pedro Ribeiro Martins - Leitor Crítico
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho é dedicado aos meus pais e a todos que me ajudaram academicamente.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado o dom da vida e a força para superar os desafios ao longo desta jornada.

Aos meus pais, Ivanir José Nunes e Elena Rodrigues Nunes, sou grata pelo apoio incondicional e pela presença constante em minha vida. Vocês são meus pilares e obrigada por investirem no meu sonho e me ajudarem a perseverar até o fim.

À minha irmã, Catharina Rodrigues Nunes, agradeço pelas palavras de ânimo e pelo apoio emocional. Você, mais do que uma irmã, é uma amiga que todos deveriam ter e espero que você ache o seu caminho e seja muito feliz..

Ao meu orientador, Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda, sou grata pela confiança depositada em mim e pela oportunidade de crescer academicamente sob sua orientação.

Aos meus amigos da faculdade, especialmente Glecy, Simone, Talita e Jhennifer agradeço pelo apoio, pela amizade e pela ajuda ao longo da graduação. Vocês tornaram essa jornada mais leve e divertida.

À PIBIC-CNPq, agradeço pela bolsa concedida, que foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores que ao longo da minha vida, me formaram e me ensinaram a ser a minha melhor versão, agradeço à Luiza Helena, Maria Rosa, Fabiana Mattos, Ludmila Miranda e tantos outros que não caberiam aqui, sempre serei grata.

Aos professores do curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, sou grata pela excelência e pela qualidade do ensino. Em especial, agradeço à Maria Fernanda Alvito, por ter me mostrado o valor da educação e a importância de ouvir ativamente àqueles que muitas vezes não sabem o seu valor.

In memoriam, agradeço à minha madrinha Marlene pois, desde adolescente me apoiou nos estudos e financiou minhas inscrições nos processos seletivos e até na compra dos meus livros didáticos.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste sonho. Esta conquista não seria possível sem o apoio e a ajuda de cada um de vocês.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós... (João 1 : 14)

RESUMO

Este trabalho integra o *Projeto Fócio*, linha de pesquisa do Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional (NEC-FBN), criado em 2022 com o objetivo de traduzir, analisar e difundir a *Biblioteca de Fócio* (810/820–893 EC), Patriarca Ecumênico de Constantinopla e um dos mais importantes eruditos bizantinos. Essa obra monumental — composta por 280 resenhas críticas, tradicionalmente conhecidas como Códices — reúne descrições, resumos e apreciações de textos da Antiguidade clássica e da tradição cristã, muitos dos quais ainda inéditos em língua portuguesa.

No contexto dessa iniciativa, este projeto de pesquisa, apoiado pelo PIBIC-UFRJ, concentrou-se na tradução inédita e análise do Códice 259, dedicado a Antifonte de Atenas (480–411 AEC), reconhecido como um dos primeiros e mais influentes logógrafos gregos. A partir do exame detalhado do texto de Fócio, o estudo revela informações fundamentais sobre a biografia de Antifonte, o número e a autenticidade dos discursos que lhe são atribuídos, além de aspectos essenciais de seu estilo e de sua técnica argumentativa.

A pesquisa dialoga com autores clássicos e helenísticos — como Aristóteles, Dionísio de Halicarnasso e Hermógenes de Tarso — para evidenciar como Antifonte ocupa uma posição de transição entre a retórica prática do tribunal ateniense, a sofística e a sistematização teórica da persuasão. A análise destaca ainda temas como o entimema aristotélico, a clareza estilística (*saphéneia*) valorizada por Dionísio, a estruturação formal das *staseis* em Hermógenes e a tensão entre natureza (*phýsis*) e técnica (*téchne*) — elementos já presentes na obra de Antifonte, como sublinha a crítica bizantina.

Além de oferecer uma tradução comentada do original grego, esta monografia propõe uma reflexão crítica, histórica e filológica sobre o papel de Antifonte na consolidação da retórica clássica e na gênese do discurso jurídico na Atenas democrática. Enfim, o trabalho reforça a relevância do legado bizantino na transmissão do saber grego, sublinhando a importância do Projeto Fócio como ponte entre o patrimônio literário da Antiguidade e o campo contemporâneo das Letras Clássicas no Brasil.

Palavras-chave: Biblioteca de Fócio; Tradução; Antifonte. Retórica Grega

ABSTRACT

This work is part of the *Photius Project*, linked to the *Núcleo de Estudos Clássicos* of the *Fundação Biblioteca Nacional* (NEC-FBN), created in 2022 with the goal of translating, analyzing, and disseminating the *Bibliotheca* of Photius (810/820–893 CE), Ecumenical Patriarch of Constantinople and one of Byzantium's most renowned scholars. This monumental work — composed of 280 critical summaries, traditionally called *Codices* — gathers descriptions, synopses, and value judgments on authors of classical antiquity and Christian tradition, many of whom remain untranslated into Portuguese.

Within this initiative, this research project, funded by PIBIC, focused on the first Portuguese translation and study of Codex 259, dedicated to Antiphon of Athens (480–411 BCE), acknowledged as one of the earliest and most influential Greek logographers. Through a detailed examination of Photius's text, this study reveals valuable information about Antiphon's biography, the number and authenticity of speeches attributed to him, and key aspects of his rhetorical style and technique.

The research connects classical and Hellenistic authors — such as Aristotle, Dionysius of Halicarnassus, and Hermogenes of Tarsus — to demonstrate how Antiphon stands as a bridge between the practical courtroom rhetoric of Athens, the sophistic tradition, and the theoretical systematization of persuasion. The analysis also highlights concepts like the Aristotelian *enthymeme*, the stylistic clarity (*sapheneia*) praised by Dionysius, the formal structure of *staseis* in Hermogenes, and the tension between nature (*physis*) and *techne* — elements already present in Antiphon's works as emphasized by Byzantine criticism.

By offering a fully annotated translation from the Greek, this dissertation provides a critical, historical, and philological reflection on Antiphon's role in the development of classical rhetoric and the emergence of forensic discourse in democratic Athens. Ultimately, this work underscores the relevance of the Byzantine legacy in transmitting Greek intellectual heritage, highlighting the Project Photius as a bridge between ancient literary patrimony and contemporary Classical Studies in Brazil.

Keywords: Photius Library; Translation; Antiphon, Greek Rhetoric

SUMÁRIO

Introdução.....	13
1. Fócio e Antifonte: As Histórias.....	15
1.1 O Patriarca Fócio I e sua <i>Biblioteca</i>	15
1.2 Vida e Morte de Antifonte.....	16
1.3 Obras e Discursos de Antifonte.....	21
2. Tradução e Análise do Códice 259 da Biblioteca.....	25
2.1 Tradução do Códice 259.....	26
2.2 Antifonte sob o olhar de Fócio	28
3 A Retórica Grega Pós - Antifonte.....	30
3.1 O legado de Antifonte além de seu tempo.....	31
3.2. Antifonte em Aristóteles: Referência e Silêncio.....	31
3.3. Dionísio de Halicarnasso: Estilo, Pureza e Crítica literária.....	32
3.4. Hermógenes de Tarso e a tradição técnica.....	32
Conclusão.....	35
Referências.....	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta em parte de um esforço coletivo para traduzir a obra *Biblioteca* de Fócio (810/820-893 EC), Patriarca Ecumênico de Constantinopla, que reúne 280 Códices ou resenhas críticas de múltiplas obras e temas da biblioteca pessoal do Patriarca. Dada a sua importância inegável, coube a mim traduzir para o português o Códice 259, que discorre sobre a vida e obra do retórico Antifonte. Esta tarefa foi realizada sob a orientação do professor Dr. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda, especialista em Retórica Grega Antiga e suas origens, no âmbito do *Projeto Fócio*, um laboratório de tradução com pesquisadores em nível de graduação, mestrado, doutorado e professores convidados de outras instituições com o intuito de traduzir e comentar a *Biblioteca* de Fócio e, então, publicá-la digitalmente.

O interesse por este projeto nasceu durante minha participação na experiência bibliotecária na Fundação Biblioteca Nacional (FBN), em colaboração com o Projeto de Extensão "Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas" (NDLC) da Faculdade de Letras da UFRJ, em 2023. Nesse contexto, tive a oportunidade de auxiliar os bibliotecários na catalogação de Obras Raras em Grego Antigo e Latim. Depois, após entrar em contato com o *Projeto Fócio* e frequentar suas reuniões, comecei um estudo e tradução do Códice 262 de Lísias. Posteriormente, no final de 2024, o professor Dr. Ticiano Curvelo me convidou a integrar o programa PIBIC-CNPq como bolsista, com o objetivo de realizar uma tradução do Códice 259, de caráter inédito a respeito de um orador pouco estudado, Antifonte.

A obra *Biblioteca* de Fócio presente na Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, que deu origem ao Projeto Fócio, é tão inestimável que possui duas edições na FBN, uma de 1612, de Genebra, e uma cópia da edição de 1653, de David Hoeschel, impressa em Rouen, tendo como base uma edição de 1606. Houve publicações de edições incompletas nos séculos XVII e XVIII, porém em 1824 publicou-se uma edição relevante e completa da *Biblioteca*, do filólogo Immanuel Bekker, em Berlim. No século XX, a edição da coleção francesa *Les Belles Lettres*, feita por R. Henry, possuindo 8 volumes, de 1959 a 1977, se tornou uma estimada edição crítica da obra. E, por fim, no século XXI, houve a edição crítica feita pelos filólogos italianos, Nunzio Bianchi e C. Schiano em 2019, *Edizione della Scuola Normale di Pisa*, tendo a direção do classicista Luciano Canfora. Essa última é muito importante para o Projeto Fócio, que a utiliza para as traduções da *Biblioteca* de Fócio,

em razão da parceria estabelecida, por intermédio do prof. Dr. Nunzio Bianchi, com um acordo internacional entre a UFRJ e a Universidade de Bari, na Itália.

Para organização da metodologia deste trabalho, ocorreram algumas etapas importantes. Primeiro, houve um levantamento bibliográfico, os materiais de estudo mencionados anteriormente, como por exemplo, as edições contemporâneas da *Biblioteca* de Fócio que servem de base para este trabalho: a edição francesa da coleção *Les Belles Lettres*, organizada por René Henry em 8 volumes, publicada entre 1959 e 1977; e, principalmente, a edição da *Edizione della Normale di Pisa*, realizada por Nunzio Bianchi e Claudio Schiano em 2019, elaborada a partir dos principais manuscritos da *Biblioteca*. Essas edições formaram a base para a tradução do Códice 259. Além disso, foram utilizados como consulta os principais dicionários de grego antigo: o *Greek-English Lexicon*, de Liddell & Scott (9^a ed., 1996), o *Le Grand Bailly*, Grec-Français (6^a ed., 2000), o *Vocabolario della Lingua Greca*, de Franco Montanari (2^a ed., 2004), e o *Dicionário Grego-Português*, da Ateliê Editorial (2^a ed., 2022).

Houve encontros semanais online com o professor Dr. Ticiano Lacerda e orientandos, além do encontro periódico realizado pelo laboratório de tradução do projeto Fócio para a revisão de parte da minha tradução. Por fim, para estudo do orador Antifonte, além das introduções, notas e comentários das edições da *Biblioteca* de Fócio já mencionadas, a bibliografia básica inclui as principais traduções dos discursos do orador ateniense em outras línguas modernas, tais como: a da *Loeb Classical Library* (Maidment, 1941), a da *Les Belles Lettres* (Gernet, 1923), a da *University of Texas Press - The Oratory of Classical Greece* (Gagarin & MacDowell, 1998), a da Editorial Gredos (Sánchez, 1991) e a das Edições Loyola, realizada pelo Prof. Luís Felipe Bellintani Ribeiro da UFF (2008).

Este trabalho está dividido em três capítulos, após a apresentação do objetivo da pesquisa, do projeto Fócio e da metodologia. No Capítulo 1, oferece-se uma introdução abrangente à vida, à trajetória intelectual, à morte e ao legado de duas figuras centrais: o Patriarca Fócio I (810/820–893 EC), um dos maiores eruditos bizantinos e responsável pela monumental *Biblioteca*, e Antifonte de Atenas (480–411 AEC), reconhecido como um dos primeiros logógrafos da Grécia clássica e frequentemente associado à tradição sofística. Neste capítulo, discute-se a inserção de Antifonte no contexto político da Guerra do Peloponeso, sua atuação como conselheiro jurídico e político no regime dos Quatrocentos e sua reputação como intelectual versado em geometria, retórica e direito. Também se apresenta o debate

sobre a dualidade entre Antifonte Orador e Antifonte Sofista, abordando temas como a tensão entre *phýsis* (natureza) e *nómos* (lei), que emergem em fragmentos atribuídos a sua obra *Sobre a Verdade*.

O Capítulo 2 é dedicado à tradução comentada do Códice 259, presente na *Biblioteca* de Fócio, autor que resume, analisa e julga criticamente as obras de Antifonte. Nessa parte, examina-se o papel de Fócio como transmissor do saber clássico, destacando a importância do seu trabalho na preservação de discursos que, sem sua intervenção, poderiam ter se perdido. A análise detém-se a aspectos como o número de discursos atribuídos a Antifonte, as dúvidas de autenticidade e os traços estilísticos apontados por Fócio — como a clareza, a pureza de estilo (*saphéneia*), o uso de ornamentos (*skhémata*), o apelo à naturalidade e à persuasão (*pithanón*).

Finalmente, o Capítulo 3 aprofunda a análise das figuras de pensamento recorrentes nos comentários de Fócio sobre Antifonte, articulando essa leitura com conceitos centrais da tradição retórica grega. São discutidos, por exemplo, o entimema aristotélico, a avaliação de Dionísio de Halicarnasso sobre o estilo ático, e a estruturação das *stáseis* proposta por Hermógenes de Tarso. O capítulo explora como Fócio retoma, atualiza e insere Antifonte na genealogia da arte retórica (téχνη), demonstrando que a tensão entre clareza, ornamento, naturalidade e técnica é um dos fios condutores que une a prática forense do século V AEC à teoria literária bizantina.

1. Fócio e Antifonte: As Histórias

1.1 O Patriarca Fócio I e sua *Biblioteca*

Apesar das lacunas em sua história, o patriarca Fócio, também conhecido como Fócio I de Constantinopla ou São Fócio, o Grande, provavelmente viveu entre 810/820 e 893 da Era Comum. Originário de uma família abastada de Constantinopla, quando jovem, Fócio recebeu uma grande educação clássica, e de imediato demonstrou interesse no monasticismo, mas acabou seguindo a carreira estadista, tendo boas relações com a corte do Império, se tornou um secretário imperial e depois atuou na embaixada de Bagdá, por volta de 855. Mais tarde, se tornou professor da Universidade de Constantinopla, desempenhando de acordo com Wilson (1983, p.89) um papel fundamental, como a figura mais importante na história dos Estudos Clássicos em Bizâncio, principalmente por ter sido o estudioso que mais leu e anotou a literatura da Antiguidade em seu tempo.

Em 858, contra a sua vontade, Fócio foi nomeado Patriarca de Constantinopla em substituição a Inácio, que foi forçado a renunciar sob pressão do Imperador Miguel III — filho da Imperatriz Teodora — e por conveniência de César Bardas, irmão de Teodora e então uma espécie de primeiro-ministro do Império Bizantino. Fócio permaneceu no cargo até 867, quando foi deposto e exilado por pressão do Papa Nicolau I, em um episódio que marcou o chamado Primeiro Cisma Fociano, reflexo das tensões entre Roma e Constantinopla sobre a autoridade papal no Oriente. Posteriormente, foi reabilitado e reassumiu o patriarcado, exercendo a função de 878 a 886, até ser novamente deposto pelo novo imperador Leão VI, provavelmente por razões de ordem pessoal ou política (WILSON, 1983, p. 89). Além de sua atuação como líder eclesiástico, Fócio destacou-se como um dos maiores eruditos de sua época, sendo autor da *Biblioteca* (*Myriobiblon*), obra fundamental para a preservação de textos clássicos.

A *Editio Princeps* da Biblioteca foi publicado por D. Hoeschel (1556-1617) em 1601, em Augsburgo. Os exemplares da Fundação Biblioteca Nacional, que impulsionaram a formação do *Projeto Fócio*, um da edição de 1612, de Genebra, e o outro de 1653, impressa em Rouen, fundamentam-se em uma edição de 1606. Após publicações parciais nos séculos XVII e XVIII, somente em 1824 surgiu outra edição mais famosa e completa da Biblioteca, a do renomado filólogo Immanuel Bekker, em Berlim. No século XX, foi lançada a edição crítica da obra pela coleção francesa *Les Belles Lettres*, elaborada por René Henry, em 8 volumes, de 1959 a 1977. No século XXI, por fim, filólogos italianos publicaram, em 2019, a mais recente edição crítica completa da Biblioteca de Fócio, pela *Edizione della Scuola Normale di Pisa*, organizada por Nunzio Bianchi e Claudio Schiano, sob a direção do grande classicista Luciano Canfora, desde os anos 1990.

1.2 Vida e Morte de Antifonte

Antifonte ramnúsio, do demônio (“distrito”) de Ramnunte, em Atenas, foi um destacado orador que nasceu pouco antes ou pouco depois do ano 480 AEC e morreu por volta dos 70 anos, em 411 AEC. Assim como seus contemporâneos mais jovens, tais como Tucídides e Sócrates, testemunhou o crescimento acelerado da hegemonia ateniense no Mediterrâneo, assim como sua ascensão e declínio; com isso, foi muito influenciado pelo despertar avassalador dos intelectuais de seu tempo, que fizeram de Atenas, de certa forma, um verdadeiro centro cultural helênico (Maidment 1941, p. 2).

Sabe-se pouco sobre a família de Antifonte, mas é conhecido que ele nasceu em uma família aristocrática e tradicional. Seu avô era um apoiador devoto dos Pisistrátidas, família governante de Atenas durante a tirania de Pisístrato e seus filhos, Hípias e Hiparco, o que sugere que Antifonte foi criado em uma tradição política conservadora. No entanto, Maidment (1941, p. 3) esclarece que a afirmação de que o pai de Antifonte, Sófilo, era um sofista é provavelmente equivocada, resultado de uma confusão com Sócrates. Desde cedo, Antifonte demonstrou interesse pela cultura intelectual emergente em Atenas, especialmente após a visita de Protágoras, em meados de 450 AEC. Esta cultura ganharia forças nas próximas gerações com o surgimento do movimento sofístico. Porém, ao contrário, de sofistas como Hípias e Pródico, Antifonte não era enciclopedista, mas se centrava na sistematização das regras da oratória eficaz, aproximando-se dos retóricos sicilianos, como Córax, Tísias e Górgias.

Diz-se que Antifonte foi o primeiro a compor discursos para que outros os apresentassem em tribunal, sendo também apontado como o possível autor da primeira *Téchne*, isto é, um manual técnico de retórica (Gagarin; MacDowell, 1998, p. 3). Kennedy (1994, p. 33) corrobora essa tradição ao destacar Antifonte, ao lado de Córax e Tísias, como pioneiro na sistematização das técnicas de persuasão, ainda que nenhum desses manuais tenha chegado completo até nós. Ainda segundo Kennedy (1994, p. 37), Antifonte é geralmente reconhecido como o primeiro logógrafo — o redator de discursos que os litigantes memorizavam e apresentavam em juízo como se fossem de sua própria autoria — e há indícios de que tenha fundado uma escola em Atenas para treinar estudantes na arte da argumentação e da defesa forense (Gagarin, 2002, p. 21).

Antes de Antifonte, temos notícias de que oradores como Temístocles e Péricles proferiam seus discursos confiando exclusivamente na improvisação e na memória, sem recorrer a textos preparados por terceiros, ainda que deles tenhamos acesso apenas a discursos estilizados por escrito pelas mãos de Tucídides, famoso historiógrafo ateniense. A partir de aproximadamente 430 AEC, contudo, Antifonte — que evitava falar em público, mas atuava como conselheiro jurídico — estabeleceu a prática da logografia, escrevendo discursos para clientes e aliados políticos. Essa inovação marca o surgimento da oratória ática como prática estruturada e profissionalizada. Seu interesse pela retórica judiciária manifesta-se já em suas chamadas *Tetralogias*, compostas por três séries de dois pares de discursos opostos para casos hipotéticos de homicídio, provavelmente redigidas por volta de 430 AEC ou até antes (Gagarin; MacDowell, 1998, p. 4). Essas obras serviram tanto como exercícios de retórica quanto como modelos de treinamento para futuros litigantes, evidenciando o pioneirismo de Antifonte na consolidação da tradição retórica ateniense.

Uma das questões mais debatidas entre os estudiosos é se Antifonte de Ramnunte, reconhecido como um dos primeiros logógrafos atenienses, seria o mesmo indivíduo que escreveu tratados sofísticos como o *Sobre a Verdade* (*Περὶ ἀληθείας*) e o *Sobre a Concórdia* (*Περὶ ὄμονοίας*). A confusão se deve ao fato de haver múltiplos registros de pessoas chamadas Antifonte na Antiguidade, o que gerou sobreposições e incertezas na tradição.

Em suas *Memoráveis* (1.6.1), Xenofonte menciona explicitamente “um certo Antifonte, sofista” (*Ἀντιφῶν δέ τις σοφιστής*), que dialoga com Sócrates, encarnando, segundo Ribeiro (2008, p. 10), uma caricatura do *philárgyros* — o amante do dinheiro —,

figurando como o verdadeiro “anti-Sócrates” na obra de Xenofonte. Essa passagem é um dos indícios mais antigos de que Antifonte não era visto apenas como orador, mas também como um sofista profissional, engajado em debates filosóficos.

Na Antiguidade tardia, Hermógenes de Tarso, em seu tratado *Sobre os Gêneros Literários* (Περὶ Ἰδεῶν II, p. 399–400), já apontava essa duplicidade, embora sem plena convicção. Amparava-se em Dídimos, o gramático alexandrino, que afirmava existir dois Antifontes dignos de menção: um era o orador de Ramnunte, e o outro, denominado *teratoscópos* (τερατοσκόπος), era intérprete de sonhos (onirocrítico), ambos descritos como *hoi sophisteúsantes*, isto é, “praticantes da sofística”.

Apesar dessa distinção antiga, estudiosos modernos como Gagarin & MacDowell (1998, p. 3–5) e Kennedy (1994, p. 36) tendem a considerar que o orador e o autor dos tratados sofísticos provavelmente eram a mesma pessoa. Para Kennedy, por exemplo, a separação entre retórica e sofística ainda não estava claramente definida no século V a.C., sendo plausível que Antifonte transitasse entre essas práticas, redigindo discursos para tribunais e, ao mesmo tempo, elaborando reflexões teóricas sobre a verdade, a concórdia e a justiça.

O argumento mais forte em favor da identificação entre Antifonte, o sofista, e Antifonte, o orador, é a descrição feita por Tucídides de Antifonte de Ramnunte, que poderia perfeitamente se aplicar a um sofista típico: um homem dotado de inteligência excepcional, grande habilidade oratória e reconhecido como notável professor de retórica. No Livro VIII da *História da Guerra do Peloponeso*, lemos que:

68. O autor daquelas propostas foi Písandro que em tudo era abertamente o adversário mais intransigente da democracia, mas quem imaginou o esquema que levou àquele resultado e entre todos os cidadãos dedicou mais tempo ao assunto foi Antífon, homem que entre os atenienses contemporâneos não perdia para qualquer outro em valor, e demonstrava uma superioridade incontestável na concepção e expressão de suas idéias; embora não comparecesse à assembléia nem participasse voluntariamente de qualquer debate público, Antífon era suspeito às massas por causa de sua reputação em matéria de eloquência; na verdade, ninguém era mais capaz do que ele de ajudar nos debates dos tribunais ou na assembléia quem quer que lhe pedisse o patrocínio. Mesmo em causa própria, quando mais tarde os Quatrocentos foram depostos pelo povo e estavam sendo tratados rudemente (ele era acusado de haver ajudado a instaurar aquele regime), Antífon apresentou indubitavelmente a

melhor defesa jamais pronunciada por alguém até o meu tempo, num processo em que a sua própria vida estava em jogo'.

Tradução de Mario da Gama Kury, 2001

Tucídides elogia Antifonte de forma póstuma, destacando-o como o mais influente entre os seus contemporâneos na arte de planejar e aconselhar, embora fosse pouco afeito a se expor em público, preferindo redigir discursos para outros. Esse testemunho fortalece a tese de que Antifonte não apenas atuava como logógrafo (redator de discursos judiciais), mas também exercia atividades típicas de um sofista, como o ensino de técnicas argumentativas e a produção de manuais retóricos (*téchne*).

Platão sugere que ele teria fundado uma escola em Atenas para instruir jovens que desejassesem se destacar nos tribunais ou na Assembleia, o que reforça sua associação ao ensino sofístico (Platão, 2007, p.89). Essa sobreposição de atributos — orador, sofista, professor e logógrafo — explica por que, já na Antiguidade, houve confusão entre figuras homônimas, como discutido por Hermógenes de Tarso, que mencionou a possibilidade de existirem dois Antifontes, ambos praticantes da sofística.¹ Portanto, a análise da descrição feita por Tucídides, em consonância com outros testemunhos antigos, sugere que a separação rígida entre Antifonte sofista e Antifonte orador talvez seja anacrônica, refletindo mais as classificações modernas do que a realidade da Atenas do século V AEC.

Ao analisarmos atentamente a trajetória política de Antifonte, podemos presumir que, por pertencer a uma família aristocrática, tenha apoiado o golpe que, ainda que por um breve período, supriu a democracia ateniense. Pesquisando a história mais a fundo, entende-se que foi justamente durante o período crítico que se seguiu à desastrosa derrota da expedição à Sicília que surgiu a grande oportunidade de Antifonte consolidar sua influência. Na primavera de 411 AEC, Písandro chegou a Atenas vindo do exército em Samos, trazendo a notícia de que Alcebíades — então exilado — prometia garantir o apoio da Pérsia contra Esparta, desde que o governo democrático fosse abolido. Segundo Maidment (1941, p. 5), “Alcibíades ofereceu garantir o apoio persa sob a condição de que a democracia fosse substituída por uma oligarquia.² (*minha tradução*)”.

¹ Cf. Hermógenes de Tarso, Acerca dos gêneros literários (De Ideis II, p. 399-400), apud Ribeiro (2008, p. 10).

² “Alcibiades offered to secure Persian support on condition that the democracy was replaced by an oligarchy.”

Diante disso, os planos de Antifonte foram traçados e sua organização conspiratória aperfeiçoada, culminando na formação do regime dos Quatrocentos. Por outro lado, os democratas encontravam-se em profundo estado de desespero, agravado pela notícia de que o exército estacionado em Samos mostrava-se inclinado a aceitar as condições impostas pelos persas. Como destaca Maidment (1941, p. 6), “Os líderes democráticos estavam impotentes para resistir de forma eficaz, tendo sua moral destruída pela atitude da frota em Samos.”³ (*minha tradução*). Assim, Antifonte emergiu como figura central na derrubada da democracia, atuando como estrategista político e articulador de discursos, sendo reconhecido por Tucídides não apenas como um orador brilhante, mas como o principal cérebro por trás do golpe oligárquico. Nas palavras do historiador, “Ele foi o principal idealizador e executor de toda a conspiração” (Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, Livro VIII, 68, trad. Mário da Gama Kury, 2001). Portanto, fica evidente que o contexto de crise favoreceu o surgimento de uma liderança calculista, que encontrou em Alcebiades e nos interesses persas os elementos necessários para executar um dos momentos mais controversos da história política de Atenas.

Sem o uso da violência, o Conselho e Assembleia daquele tempo foram retirados e substituídos por um novo Conselho, dos Quatrocentos, e por uma Assembleia dos Cinco Mil, simbolicamente estabelecida. Assim sendo, Atenas passou a ficar sob o controle da oligarquia. Por fim, Antifonte conseguiu alcançar o que trabalhou por bastante tempo, porém seu êxito foi exterminado rapidamente. Písandro perdeu sua influência com o exército em Samos, e ocorreu uma cisão no Conselho dos Quatrocentos, obrigando os radicais, destacando-se Antifonte, dentre eles, a buscar apoio com os espartanos. O resultado dessa tentativa falha de aliança foi a revolta popular em Atenas, ocasionando a deposição dos Quatrocentos, a fuga da maioria dos oligarcas radicais e a permanência de três deles, incluindo Antifonte e o tornando inimigo do novo governo.

De acordo com Ribeiro (2008, p. 9), Antifonte, mesmo diante do tribunal, fez provavelmente a defesa mais notável de sua vida,⁴ ao se defender da participação no golpe dos Quatrocentos. Ainda que apenas fragmentos desse discurso tenham sobrevivido, eles foram suficientes para revelar, que, mesmo próximo da morte, Antifonte não foi abandonado por sua engenhosidade retórica e domínio da linguagem, mencionados acima por Tucídides. Apontado

³ “The democratic leaders were powerless to resist effectively, their morale being shattered by the attitude of the fleet at Samos.”

⁴ Aristóteles, em *A constituição dos Atenienses*, cap. 33, afirma que a defesa de Antifonte foi a melhor, jamais vista, proferida em um julgamento de vida ou morte, destacando seu talento oratório notável.

como líder do golpe, ele foi condenado à morte e considerado traidor em 411 AEC, após ser deposto e severamente punido. Além disso, seus bens foram confiscados e as propriedades de sua família foram destruídas. Seu cadáver foi proibido de ser enterrado em solo ateniense, e seus descendentes também foram afetados pela punição, sofrendo a perda dos direitos civis. E sua morte se torna comentada tanto por Pseudo-Plutarco, na *Vidas dos dez oradores*⁵, quanto por Aristóteles, que mencionará seu discurso a Agatão e o derradeiro destino de Antifonte na *Constituição de Atenas* (Aristóteles, 1998, p. 58).

1.3 Discursos e Obras de Antifonte

Antifonte destacou-se como um dos mais versáteis intelectuais de sua época, com interesses que iam da geometria — área em que propôs um método pioneiro para a quadratura do círculo — à retórica e, principalmente, ao direito e à justiça (Kershaw, 2010, p. 27). Como observa Kershaw, “*Antifonte foi um polímata, voltando sua mente para problemas que iam da matemática à política*”⁶.

Embora preferisse não se expor publicamente como orador, Antifonte manteve relações estreitas com membros da elite ateniense e atuou como conselheiro jurídico, elaborando discursos para serem pronunciados por outros nos tribunais. Dessa prática surgiu uma nova atividade profissional em Atenas: a de logógrafo, isto é, o redator especializado na composição de discursos judiciais para clientes leigos (Todd, 1993, p. 112–115). Como explica Todd: “*Ele não defendia pessoalmente no tribunal, mas compunha, criando assim a profissão de logógrafo*”⁷

Como já descrito anteriormente, Antifonte possuía notável habilidade retórica e profundo conhecimento das leis atenienses, atributos que o tornaram um logógrafo bem-sucedido, cobrando quantias significativas por seus serviços (Gagarin, 1997, p. 78–80). Gagarin observa: “*Provavelmente cobrava honorários elevados por seus discursos, que eram cuidadosamente elaborados e eficazes nos tribunais*”⁸

⁵ cf. Vida de Antifonte em 832b-834b.

⁶ “*Antiphon was a polymath, turning his mind to problems ranging from mathematics to politics*”.

⁷ “*He did not plead in court himself, but composed speeches for others, creating the profession of the logographer.*”

⁸ “*He probably charged high fees for his speeches, which were carefully crafted and effective in court.*”

A quantidade exata de discursos compostos ou atribuídos a Antifonte permanece incerta; no século I AEC, estimava-se que cerca de 60 discursos circulavam sob seu nome, embora estudiosos reconheçam que parte deles é de autoria contestada (Guthrie, 2007, p. 52–55). Como enfatiza Guthrie: “*Dos sessenta discursos atribuídos a Antifonte, apenas uma fração é certamente genuína.*”⁹ (*Minha tradução*). Esses discursos eram frequentemente organizados de forma temática, colocando os casos de homicídio em destaque — reflexo de sua reputação e de seu interesse especial pelos processos penais mais graves.

As obras de Antifonte preservadas até hoje dividem-se em duas categorias principais: os discursos compostos como exercícios retóricos (as chamadas *Tetralogias*) e os discursos redigidos para casos reais (Gagarin, 1997, p. 38–40). As *Tetralogias* são conjuntos de quatro discursos organizados em torno de cenários hipotéticos de homicídio, cada uma composta por dois discursos de acusação e dois de defesa, simulando o curso de um julgamento completo. Segundo Todd (1993, p. 119–121), “*Cada Tetralogia oferece um modelo de oratória forense, mostrando as estratégias utilizadas por ambas as partes nos julgamentos de homicídio*”.¹⁰

A Primeira *Tetralogia* aborda um homicídio por negligência; a Segunda trata do homicídio doloso; e a Terceira discute a legítima defesa. Acredita-se que esses discursos não foram efetivamente utilizados em tribunais, mas serviam como material de ensino para jovens logógrafos e oradores, revelando o domínio de Antifonte sobre a linguagem jurídica e as variadas estratégias de persuasão no sistema judiciário ateniense.

Entre os discursos compostos para casos reais, destacam-se *Contra o Assassino de Herodes*, um discurso de acusação em um homicídio baseado em evidências circunstanciais; *Sobre a Morte de um Escravo*, que trata de uma disputa para responsabilizar alguém pela morte de um escravo sob custódia; e *Contra a Madrasta*, uma acusação de envenenamento em que um filho acusa a madrasta de assassinar o pai, utilizando fortes argumentos morais (Gagarin, 1997, p. 145–148). Segundo Gagarin (1997, p. 145), “*Esses discursos revelam como Antifonte lidava com provas indiretas, disputas familiares e a moralidade implícita nos julgamentos de homicídio.*”¹¹

⁹ “Of the sixty speeches attributed to Antiphon, only a fraction is certainly genuine.”

¹⁰ “Each Tetralogy provides a model for forensic oratory, showing the strategies used by both sides in homicide trials.”

¹¹ “These speeches show how Antiphon dealt with circumstantial evidence, family disputes, and moral arguments in homicide cases.”

Todos esses textos são uma fonte valiosa para a compreensão não apenas dos procedimentos jurídicos, mas também das representações sociais da justiça e da moral em Atenas. Dover (1974, p. 203–205) enfatiza que “*Os discursos de Antifonte, ao mesmo tempo em que expõem argumentos legais, são um retrato da mentalidade ateniense em torno do crime, castigo e valores familiares.*”¹²

Além dos discursos judiciais, Antifonte é frequentemente associado à obra *Sobre a Verdade*, comentado anteriormente, um tratado filosófico preservado apenas em fragmentos, cuja autoria ainda é debatida: alguns estudiosos a atribuem a Antifonte Sofista, que pode ou não ser a mesma pessoa do orador (Guthrie, 2007, p. 61–63). Guthrie (2007, p. 62) observa que “*O tratado conhecido como Sobre a Verdade questiona a relação entre lei e natureza, e sua autoria permanece incerta.*”¹³ A obra discute a tensão entre *physis* (natureza) e *nomos* (lei ou convenção), argumentando que muitas leis humanas se opõem à natureza e restringem injustamente a liberdade individual. Para De Romilly (1999, p. 89–92), “*Para Antifonte, é a natureza, e não a convenção, que deveria guiar o comportamento humano.*” Essa visão aproxima Antifonte das ideias de outros sofistas, como Protágoras, Hípias e Górgias, evidenciando o elo entre a retórica forense e a filosofia moral no século V AEC (Guthrie, 2007, p. 68–70).

Por fim, é válido ressaltar que as obras de Antifonte oferecem uma visão abrangente da retórica judicial em Atenas durante o período democrático, além de revelar como o pensamento sofístico problematizava a relação entre justiça e lei. Atuando como logógrafo, Antifonte consolidou uma prática essencial na vida jurídica ateniense, combinando precisão lógica, apelo emocional e reflexão ética em seus discursos. Assim, a dualidade entre Antifonte Orador e Antifonte Sofista — ou a possível fusão dessas figuras — continua sendo objeto de debate, mas não diminui a relevância de sua contribuição intelectual (Gagarin, 1997, p. 10–12).

2. Tradução e Análise do Códice 259 da Biblioteca de Fócio

¹² “Antiphon’s speeches, while presenting legal arguments, are also a window into Athenian attitudes towards crime, punishment and family values.”

¹³ “The treatise known as *On Truth* questions the relation between law and nature, and its authorship remains disputed.”

2.1 Códice 259 da Biblioteca ¹⁴

“Ἀνεγνώσθη Ἀντιφῶντος λόγοι διάφοροι. Εἰσὶ δ’ αὐτοῦ οἱ λόγοι τὸ ἀκριβὲς καὶ πιθανὸν καὶ περὶ τὴν εὑρεσιν δεινὸν οἰκειούμενοι. Ἐστι δὲ ὁ ἀνὴρ καὶ ἐν τοῖς ἀπόροις τεχνικός, καὶ τὰς ἐπιχειρήσεις ἐξ ἀδήλου ποιούμενος, καὶ ἐπὶ τοὺς νόμους καὶ τὰ πάθη τρέπων τοὺς λόγους, τοῦ εὐπρεποῦς μάλιστα στοχαζόμενος.

Ο μέντοι Σικελιώτης Κεκίλιος μὴ κεχρῆσθαι φησι τὸν ρήτορα τοῖς κατὰ διάνοιαν σχήμασιν, ἀλλὰ κατευθὺν αὐτῷ καὶ ἀπλάστους τὰς νοήσεις ἐκφέρεσθαι, τροπὴν δὲ ἐκ τοῦ πανούργου καὶ ἐνάλλαξιν οὕτε ζητῆσαι τὸν ἄνδρα οὕτε χρήσασθαι, ἀλλὰ δι’ αὐτῶν δὴ τῶν νοημάτων καὶ τῆς φυσικῆς αὐτῶν ἀκολουθίας ἄγειν τὸν ἀκροατὴν πρὸς τὸ βούλημα.

Οι γὰρ πάλαι ρήτορες ἰκανὸν αὐτοῖς ἐνόμιζον εὑρεῖν τε τὰ ἐνθυμήματα καὶ τῇ φράσει περιττῶς ἀπαγγεῖλαι. Ἐσπούδαζον γὰρ τὸ ὄλον περὶ τὴν λέξιν καὶ τὸν ταύτης κόσμον, πρῶτον μὲν ὅπως εἴη σημαντικὴ καὶ εὐπρεπής, εἶτα δὲ καὶ ἐναρμόνιος ἡ τούτων σύνθεσις.

Ἐν τούτῳ γὰρ αὐτοῖς καὶ τὴν πρὸς τοὺς ἴδιάτας διαφορὰν ἐπὶ τὸ κρεῖττον περιγίνεσθαι. Εἶτα εἰπὼν ὡς ἀσχημάτιστος εἴη κατὰ διάνοιαν ὁ τοῦ Ἀντιφῶντος λόγος, ὥσπερ ἐπιδιορθούμενος ἔστων.

«Οὐ τοῦτο λέγω», φησίν, «ώς οὐδὲν εὐρίσκεται διανοίας παρὰ Ἀντιφῶντι σχῆμα· καὶ γὰρ ἐρώτησίς που καὶ παράλειψις καὶ ἔτερα τοιαῦτα ἔνεισιν αὐτοῦ τοῖς λόγοις· ἀλλὰ τί φημι; Ὅτι μὴ κατ’ ἐπιτήδευσιν μήτε συνεχῶς ἐχρήσατο τούτοις, ἀλλ’ ἐνθα ἀν ἡ φύσις αὐτὴ μεθοδείας τινὸς χωρὶς ἀπῆγεν·

ὅ δὴ καὶ περὶ τοὺς τυχόντας τῶν ἴδιωτῶν ἔστιν ὄραν. Διὰ τοῦτο καὶ ὅταν τις ἀσχηματίστους εἶναι λέγῃ λόγους, οὐ καθάπαξ οἰητέον τῶν σχημάτων αὐτοὺς ἀπεστερημένους εἶναι (τοῦτο γὰρ ἀδύνατον) ἀλλ’ ὅτι τὸ ἐμμέθοδον καὶ συνεχὲς καὶ ἐρρωμένον τῶν σχημάτων οὐκ ἔστιν ὄρώμενον ἐν αὐτοῖς».

Φέρονται δὲ αὐτοῦ λόγοι ἐξήκοντα, ὡν ὁ Κεκίλιος εἰκοσιπέντε φησιν αὐτοῦ [486a] καταψεύδεσθαι, ως εἶναι τοὺς διαφυγόντας τὸ νόθον πέντε καὶ τριάκοντα.

¹⁴ O texto grego segue a edição de Nunzio Bianchi, publicado pela *Edizioni Della Normale*, em 2019.

Οὗτος τῷ οἰκείῳ πατρὶ Σοφίλῳ σοφιστεύοντι μαθητεῦσαι λέγεται· Κεκίλιος δὲ Θουκυδίδου τοῦ συγγραφέως μαθητὴν γεγονέναι φησὶ τὸν ρήτορα.

Διενεχθῆναι δέ φασιν αὐτὸν καὶ Σωκράτει τῷ φιλοσόφῳ, οὐ πρὸς φιλονεικίαν ἀλλὰ πρὸς ἔλεγχον ὄρῶντα. Συντάξαι δὲ αὐτὸν καὶ πρῶτόν φασι τοὺς ἐν τοῖς δικαστηρίοις ἀγωνιστικοὺς λόγους· τῶν γὰρ πρὸ αὐτοῦ οὐδεὶς φαίνεται καθεὶς ἐαυτὸν εἰς τοῦτον τὸν ὄγδνα, οὐδὲ ἔστι λαβεῖν δικανικὸν λόγον τῶν Ἀντιφῶντι πρότερον γεγραμμένων.

Πρῶτον δὲ αὐτὸν καὶ ρήτορικὰς συντάξασθαι φασι τέχνας, ἀγχίνουν γεγονότα· διὰ τοῦτο λαβεῖν ἐπώνυμον καὶ τὸν Νέστορα. Κωμῳδεῖ δὲ αὐτὸν εἰς φιλαργυρίαν Πλάτων ἐν Πεισάνδρῳ. Λόγος δὲ αὐτὸν καὶ τραγῳδίας συνθεῖναι, ίδίᾳ τε καὶ Διονυσίῳ συνδιατρίβοντα τῷ τυράννῳ.

Σχολάζοντα δὲ πρότερον τῇ ποιήσει τέχνην φασὶν αὐτὸν ἔξευρεῖν ἀλυπίας, καὶ κατὰ τὴν ἀγορὰν ἐν Κορίνθῳ οἰκημάτιόν τι οἰκοδομησάμενον ἐπιγράψαι δύνασθαι αὐτὸν τοὺς λυπουμένους διὰ λόγων θεραπεύειν· καὶ δὴ καὶ πυνθανόμενος τὰς αἰτίας τῆς λύπης τοὺς ἀνιωμένους παρεμθεῖτο. Τοῦτο δὲ τὸ ἐπιτήδευμα ἥπτον εἶναι νομίσας τῆς ἐαυτοῦ μεγαλονοίας ἐπὶ ρήτορικὴν ἐτράπη. Συνεγράψατο δὲ καὶ κατὰ Ἰπποκράτους τοῦ ἰατροῦ λόγον, καὶ εἶλεν αὐτὸν ἐξ ἐρήμου.

Ο δὲ χρόνος ἦν, καθ' ὃν ἥκμαζεν, ἐν τῷ διαπέπρακται τὰ Περσικά, ὀλίγῳ πρότερον Γοργίου τοῦ σοφιστοῦ γεγονός· παρέτεινε δὲ τὸν βίον ἔως τῆς ὑπὸ τῶν τετρακοσίων γεγενημένης καταλύσεως τῆς δημοκρατίας, ἦς καὶ αὐτὸν αἴτιον μετεσχηκέναι φασὶ παρασχεῖν· διὸ καὶ μετὰ τὴν κατάλυσιν τῶν τετρακοσίων εἰσαγγελθεὶς ἔαλω, καὶ τοῖς τῶν προδοτῶν ἐπιτιμίοις ὑποβληθεὶς ἀταφος ἐρρίφη, καὶ γέγονεν ἀτιμος, οὐκ αὐτὸς μόνον ἀλλὰ καὶ οἱ ἐξ αὐτοῦ φύντες. Λυσίας δὲ τούναντίον ιστορεῖ· φησὶ γὰρ μᾶλλον αὐτὸν ὑπὸ τῶν τετρακοσίων ἀνηρῆσθαι.

Οἱ δέ φασιν αὐτὸν πρεσβευτὴν πρὸς Διονύσιον τὸν τύραννον παραγεγονότα, καὶ ζητήσεώς τινος παραπεσούσης τίς ἄριστός ἐστι χαλκός, αὐτὸν ἄριστον εἶναι φάναι ἐξ οὗ στῆλαι Αρμοδίῳ πεποίηνται καὶ Αριστογείτονι· ἀκούσαντα δὲ τὸν Διονύσιον, καὶ εἰς αὐτὸν ὑπονοήσαντα τὸν λόγον ἀπερρίφθαι καὶ προτροπὴν εἶναι τῆς αὐτοῦ καταλύσεως, τὴν ἐπὶ θανάτῳ τὸν ρήτορα [486b] καταδικάσαι. Οἱ δὲ διότι, φασί, τὰς τραγῳδίας αὐτοῦ διασύρων ἐπαρρησιάζετο.”

Lido: de Antifonte, diversos discursos. Seus discursos têm como propriedades a precisão, a persuasão e a habilidade inventiva. Esse homem é um especialista mesmo em momentos de dificuldade, construindo suas argumentações a partir de casos obscuros, e seus discursos são voltados para as leis e as emoções, visando sobretudo ao que é digno.

De fato, o siciliano Cecílio diz que esse orador não usa as figuras do pensamento, mas realiza suas reflexões de modo direto e sem artifícios, e que esse homem não busca por alternâncias capciosas e inversões sintáticas nem as usa, mas, na verdade, ele conduz seu ouvinte à deliberação por meio dos pensamentos em si e de sua sequência natural.

Pois os antigos oradores consideravam suficiente criar os entimemas e expressá-los com excelência de estilo. Eles zelavam sobretudo pela elocução e organização desta, primeiro para que a combinação das palavras fosse significativa e apropriada, e depois, também, para que fosse harmoniosa.

Nisto, eles têm uma vantagem sobre os leigos. Além disso, Cecílio afirmou que o discurso de Antifonte é desorganizado em termos de pensamento, parecendo que ele está se corrigindo.

“Não estou afirmando”, ele diz, “que não se encontra nenhuma figura de pensamento em Antifonte. Pois há, de fato, perguntas, omissões e outras coisas semelhantes em seus discursos. Mas o que quero dizer? Que ele não usou isso de forma intencional nem reiterada, a própria natureza ali o guiava, sem método algum.

De fato, é o que também pode ser visto em pessoas leigas. Em razão disso, inclusive, quando alguém diz que os discursos não apresentam figuras de linguagem, não devemos supor que eles carecem absolutamente dessas figuras (pois isso é impossível), mas que o uso sistemático, contínuo e vigoroso das figuras não é visível nesses discursos.”

Atribui-se a ele sessenta discursos, dentre os quais Cecílio afirma que vinte e cinco são falsamente atribuídos a ele, de forma que os que escapam de serem espúrios são trinta e cinco.

Diz-se que ele foi aluno de seu próprio pai, Sófilo, que era um sofista. Já Cecílio diz que o orador foi aluno de Tucídides, o historiador.

Dizem que ele também teve um debate com Sócrates, o filósofo, não por amor à disputa, mas com o objetivo de refutar. Dizem que ele também foi o primeiro a compor discursos judiciais para uso em tribunais. Pois nenhum dos que o precederam parece ter se dedicado a esse tipo de competição, e não é possível encontrar um discurso judicial escrito antes de Antifonte.

Dizem que ele também foi o primeiro a compor manuais de retórica, sendo um homem engenhoso. Por isso, ele também recebeu o epíteto de Nestor. Platão zomba dele por amor ao dinheiro na peça 'Peisandro'. Diz-se que ele também compôs tragédias, passando tempo com o tirano Dionísio em privado.

Dizem que ele, anteriormente dedicado à poesia, inventou a arte de aliviar a dor, e que construiu um consultório perto da ágora em Corinto e escreveu que era capaz de tratar os aflitos com palavras. E, de fato, ao descobrir as causas da dor, ele consolava os aflitos. Mas, considerando essa ocupação inferior à sua própria grandeza de espírito, voltou-se para a retórica. Também escreveu um discurso contra Hipócrates, o médico, e o convenceu a sair do tribunal.

O tempo em que ele estava no auge foi aquele em que as Guerras Persas ocorreram, tendo nascido pouco antes de Górgias, o sofista. Prolongou sua vida até a dissolução da democracia pelos Quattrocentos, da qual dizem que ele também foi uma das causas. Por isso, após a queda dos Quattrocentos, foi denunciado, condenado e, tendo sido considerado um traidor, foi jogado fora sem sepultura e tornou-se infame, não apenas ele, mas também seus descendentes. No entanto, Lísias conta a história de maneira oposta, pois diz que Antifonte foi morto pelos Quattrocentos.

Outros dizem que ele foi enviado como embaixador para Dionísio, o tirano, e que, tendo surgido uma discussão sobre qual é o melhor bronze, ele disse que o melhor é aquele do qual foram feitas as estátuas de Harmódio e Aristogiton. Mas Dionísio, tendo ouvido isso, e percebido que a fala era dirigida contra ele mesmo e que era um presságio de sua própria ruína, condenou o orador à morte. Outros dizem que ele falava com liberdade, ridicularizando as tragédias de Antifonte.

2.2 Antifonte sob o olhar de Fócio

O Códice 259 da *Biblioteca de Fócio* (810–893 EC) constitui um testemunho singular e precioso da preservação e avaliação crítica da tradição retórica clássica na cultura bizantina. Redigido pelo patriarca Fócio — um dos maiores eruditos de sua época — o texto oferece uma síntese densa e precisa sobre a vida, a obra e o estilo de Antifonte, considerado um dos primeiros logógrafos atenienses. Notável por sua habilidade argumentativa, Antifonte exerceu influência decisiva na formação da tradição retórica que mais tarde incluiria Lísias, Isócrates e Demóstenes, por exemplo.

Fócio situa Antifonte num contexto de crise política marcado pelo colapso da democracia ateniense e pela breve ascensão oligárquica dos Quatrocentos (411 a.C.). Sua execução nesse período ilustra o grau de politização dos oradores, bem como a estreita relação entre retórica e poder político na Atenas clássica: “... *prolongou sua vida até a dissolução da democracia pelos Quatrocentos [...]; foi denunciado, condenado, lançado insepulto e desonrado — não apenas ele, mas também seus descendentes.*” (*παρέτεινε δὲ τὸν βίον ἔως τῆς ὑπὸ τῶν τετρακοσίων γεγενημένης καταλύσεως τῆς δημοκρατίας, ἵς καὶ αὐτὸναιτίαν μετεσχηκέναι φασὶ παρασχεῖν· διὸ καὶ μετὰ τὴν κατάλυσιν τῶν τετρακοσίων εἰσαγγελθεὶς ἔάλω, καὶ τοῖς τῶν προδοτῶν ἐπιτιμίοις ὑποβληθεὶς ἄταφος ἐρρίφη, καὶ γέγονεν ἄτιμος, οὐκ αὐτὸς μόνον ἀλλὰ καὶ οἱ ἐξ αὐτοῦ φύντες.*) Esse fragmento revela a severidade da repressão contra os oradores que colaboraram com regimes considerados ilegítimos, mostrando que a retórica não era apenas arte de persuasão, mas, consequentemente, ferramenta de influência política e resistência.

Fócio também menciona influências e relações com figuras, como Górgias e Platão, situando Antifonte num ambiente intelectual potente e dinâmico. Do ponto de vista retórico, caracteriza seus discursos como marcados pela precisão (*τὸ ἀκριβές*), persuasão (*τὸ πιθανόν*) e engenhosidade (*περὶ τὴν εὑρεσιν δεινὸν*), qualidades fundamentais da arte retórica grega, tal como definidos por Aristóteles (*Retórica*, 1358a).

Além disso, Fócio observa ainda que Antifonte contribuiu para a sistematização dos discursos forenses (*δικανικοὶ λόγοι*) e do ensino da técnica retórica, atuando, como um elo entre a sofística (ex: Górgias) e os logógrafos clássicos. Destaca-se a seguinte passagem: “*Dizem que ele também foi o primeiro a compor manuais de retórica, sendo um homem engenhoso. Por isso, recebeu o epíteto de Nestor*” (*Πρῶτον δὲ αὐτὸν καὶ ρήτορικὰς*

συντάξασθαι φασι τέχνας, ἀγχίουν γεγονότα· διὰ τοῦτο λαβεῖν ἐπώνυμον καὶ τὸν Νέστορα). Essa afirmação insere Antifonte como precursor da retórica, enquanto disciplina formal, tal como o lendário Nestor, o mais velho dos líderes helênicos na Guerra de Troia.

Na passagem, “*Dizem que ele, anteriormente dedicado à poesia, inventou a arte de aliviar a dor; e que ele construiu um consultório perto da ágora em Corinto e escreveu que era capaz de tratar os aflitos com palavras.*” (*Σχολάζοντα δὲ πρότερον τῇ ποιήσει τέχνην φασὶν αὐτὸν ἐξενρεῖν ἀλυπίας, καὶ κατὰ τὴν ἀγορὰν ἐν Κορίνθῳ οἰκημάτιόν τι οἰκοδομησάμενον ἐπιγράψαι δύνασθαι αὐτὸν τὸν λυπουμένους διὰ λόγων θεραπεύειν*), Fócio, além de resumir uma obra intitulada *Téchne* (Arte) ou *Tratado Sofístico*, atribuída a Antifonte, também relata que o autor teria exercido a *psychagogia* — isto é, a arte de “conduzir a alma” — usando palavras como remédio para dores e angústias. Essa tradição associa Antifonte a uma prática proto-psicológica, como se fosse um “terapeuta” retórico.

Essa tradição também liga Antifonte a uma rivalidade com Hipócrates de Cós, o pai da medicina. Em várias versões, Antifonte teria contestado a medicina de Hipócrates, “*escreveu um discurso contra Hipócrates, o médico, e o convenceu a sair do tribunal.*” (*καὶ κατὰ Ἰπποκράτους τοῦ ἰατροῦ λόγον, καὶ εἴλεν αὐτὸν ἐξ ἐρήμου*), mostrando que a palavra (logos) podia curar melhor que remédios físicos

Por fim, a narrativa de Fócio evidencia a tensão entre o uso das figuras do pensamento (*σχήματα κατὰ διάνοιαν*) e a naturalidade do discurso. Referenciando Cecílio de Calacte¹⁵, o patriarca observa que Antifonte não empregava esquemas retóricos de forma intencional ou sistemática — conforme destacado pela palavra *ἀσχημάτιστος* (sem ornamentos planejados) — mas conduzia o ouvinte por meio da sequência natural das ideias: “*Ο μέντοι Σικελιώτης Κεκίλιος μὴ κεχρῆσθαι φησι τὸν ρήτορα τοῖς κατὰ διάνοιαν σχήμασιν, ἀλλὰ κατευθὺν αὐτῷ καὶ ἀπλάστους τὰς νοήσεις ἐκφέρεσθαι, τροπὴν δὲ ἐκ τοῦ πανούργου καὶ ἐνάλλαξιν οὕτε ζητῆσαι τὸν ἄνδρα οὕτε χρήσασθαι...*”. Essa oposição entre o ornamento retórico (*κόσμος*) e o fluxo lógico natural (*φύσις*) remete à clássica distinção entre *λέξις* (estilo) e *λόγος* (discurso), fundamental

¹⁵ Cecílio de Calacte (século I A.C.) foi um retórico e crítico literário siciliano, ativo no período helenístico tardio. Natural de Calacte, na Sicília, destacou-se como gramático e exerceu grande influência na crítica retórica pós-aristotélica. É conhecido principalmente por suas obras dedicadas à avaliação de oradores áticos e pela defesa da pureza do estilo ático (Aticismo). Suas obras sobreviveram apenas em fragmentos, preservados em fontes como Dionísio de Halicarnasso e Fócio. Cf. KENNEDY, George A. *The Art of Rhetoric in the Roman World: 300 B.C.–A.D. 300*. Princeton: Princeton University Press, 1972. p. 129–131.

para compreender a relação entre forma e conteúdo na tradição retórica grega (Maidment, 1941, p. 45).

3. A Tradição Retórica Pós-Antifonte

3.1 O legado de Antifonte além de seu tempo

A figura de Antifonte ocupa um lugar singular na história da retórica grega. Considerado o primeiro logógrafo — isto é, um profissional especializado na redação de discursos judiciais para terceiros — Antifonte representa, na tradição ateniense, o início da sistematização da oratória forense (*δικανικοὶ λόγοι*) como técnica autônoma.

Seu trabalho, datado do final do século V AEC, surge em um momento de intensas transformações políticas em Atenas, marcado pela Guerra do Peloponeso e pela breve instalação do regime oligárquico dos Quatrocentos (411 AEC), no qual o próprio Antifonte esteve politicamente envolvido. Sua execução, motivada por acusações de traição, exemplifica como a palavra *λόγος* era indissociável do poder na pólis clássica.

No entanto, a importância de Antifonte não se limita à sua atuação histórica imediata. Autores posteriores, como Aristóteles, Dionísio de Halicarnasso e Hermógenes de Tarso, retomaram, direta ou indiretamente, elementos de seu estilo e de sua prática argumentativa, discutindo-os como pontos de referência para definir a eloquência ático-clássica. Essa recepção revela que Antifonte não foi apenas um pioneiro técnico, mas um modelo debatido, criticado e reinterpretado ao longo dos séculos.

Assim, compreender como a tradição retórica posterior leu Antifonte — ora valorizando sua precisão (*τὸ ἀκριβές*), ora criticando sua suposta falta de ornamentos sistemáticos (*ἀσχημάτιστος*) — permite situar sua obra dentro de uma longa história de continuidade e ruptura, na qual os ideais de clareza (*σαφήνεια*), pureza de estilo (*καθάρεια*) e força persuasiva (*τὸ πιθανόν*) se transformaram sem perder completamente suas raízes na prática do primeiro logógrafo.

3.2 Antifonte em Aristóteles: Referência e Silêncio

Embora Aristóteles (384–322 AEC.) não tenha dedicado um tratamento extenso e explícito a Antifonte em sua *Retórica*, alguns indícios revelam que a consideração do filósofo sobre Antifonte como o primeiro logógrafo parte da tradição técnica que precedeu sua própria sistematização da arte de persuadir. Aristóteles desenvolveu o conceito de entimema (*enthymēma*, ἐνθύμημα), que se define como “o corpo da prova retórica” (*Retórica*, 1354a), sendo uma forma de silogismo retórico que parte de premissas prováveis e, muitas vezes, implícitas (Aristóteles, 2007, p.24). Essa característica se aproxima de qualidades que Fócio já atribuía a Antifonte, destacando sua força de estilo, marcado pela “precisão” (*τὸ ἀκριβές*) e pela “persuasão” (*τὸ πιθανόν*): “*Seus discursos têm como propriedades a precisão, a persuasão e a habilidade inventiva.*” (*Ἀνεγνώσθη Ἀντιφῶντος λόγοι διάφοροι. Εἰσὶ δὲ αὐτοῦ οἱ λόγοι τὸ ἀκριβὲς καὶ πιθανὸν*).

E, mesmo sem nomear Antifonte diretamente, Aristóteles afirma, no Livro I da *Retórica* (1358a), que o discurso forense é aquele que mais se aproxima da argumentação lógica, pois “tem por fim o julgamento” (*τέλος κρίσις*), sendo, portanto, o gênero em que o raciocínio prático e a organização das provas são mais necessários. (Aristóteles, 2007, p. 29)

Segundo Aristóteles, o entimema é o mais poderoso dos meios de persuasão (*Retórica*, 1355a), baseando-se em suposições compartilhadas entre orador e audiência, o que era exatamente o ponto forte de Antifonte ao construir discursos baseados em inferências e raciocínios dedutivos para convencer júris populares. Assim, mesmo sem menção direta, o legado de Antifonte como logógrafo é, sem dúvida, reconhecido como um passo essencial para a formulação da teoria aristotélica da persuasão. (Aristóteles, 2007, p. 26)

3.3 Dionísio de Halicarnasso: Estilo, Pureza e Crítica literária

Dionísio de Halicarnasso (c. 60–7 AEC), um dos mais importantes críticos literários da Antiguidade, foi responsável por sistematizar a avaliação estilística dos oradores áticos. Em sua obra *Sobre os Oradores Áticos* (*Περὶ τῶν Ἀττικῶν ρήτορων*), Dionísio analisa autores como Lísias, Isócrates e Demóstenes, destacando qualidades como pureza (*καθάρεια*), clareza

(σαφήνεια) e elegância (χάρις) como marcas do estilo ideal. (Dionísio de Halicarnasso, 1974, p. 287)

Antifonte, embora mencionado com menor ênfase, é apresentado como elo entre a retórica em formação e sua consolidação como *téchne* (τέχνη). Para Dionísio, o orador ideal deveria reunir precisão argumentativa com uma dicção clara e despretensiosa, uma exigência que se conecta diretamente à crítica de Fócio sobre o estilo de Antifonte (Dionísio de Halicarnasso, 1974, p. 289). De fato, como já se verificou, Fócio comenta que “o siciliano Cecílio diz que esse orador não usa as figuras do pensamento, mas realiza suas reflexões de modo direto e sem artifícios”: “Ο μέντοι Σικελιώτης Κεκίλιος μὴ κεχρῆσθαι φησι τὸν ρήτορα τοῖς κατὰ διάνοιαν σχήμασιν, ἀλλὰ κατευθὺν αὐτῷ καὶ ἀπλάστους τὰς νοήσεις ἐκφέρεσθαι....” (Fócio, Códice 259)

Assim, Dionísio legitima a tradição retórica clássica, ressaltando os padrões de clareza e ordem que consagrariam os grandes oradores áticos, mas relega Antifonte a uma função quase fundacional — importante como precursor técnico, mas superado em refinamento estilístico por sucessores como Lísias e Demóstenes (Dionísio de Halicarnasso, 1974, p.290).

3.4 Hermógenes de Tarso e a tradição técnica

Hermógenes de Tarso (~ sécs. II–III EC) é uma das figuras centrais da Segunda Sofística, período em que a retórica foi sistematizada como disciplina técnica e revalorizada como instrumento de prestígio intelectual. Sua obra consolida o ensino retórico por meio de tratados como o *Sobre as Formas do Estilo* (Περὶ ιδεῶν), nos quais Hermógenes descreve em detalhes as qualidades estilísticas ideais, como a clareza (σαφήνεια) e a ornamentação adequada. (Hermógenes de Tarso, 2008, p. 35)

Embora Hermógenes não mencione Antifonte de forma extensa, a estrutura das questões judiciais (στάσεις) e a ênfase na clareza retomam o pioneirismo do primeiro logógrafo, que já articulava o equilíbrio entre persuasão e técnica (Hermógenes de Tarso, 2008, p. 57). Tal como Fócio nos reporta: “Dizem que ele também foi o primeiro a compor manuais de retórica, sendo um homem engenhoso. Por isso, ele também recebeu o epíteto de Nestor” : “Πρῶτον δὲ αὐτὸν καὶ ρήτορικὰς συντάξασθαι φασι τέχνας, ἀγχίνονν γεγονότα· διὰ τοῦτο λαβεῖν ἐπώνυμον καὶ τὸν Νέστορα...” Fócio, Códice 259)

Assim, Hermógenes confirma que a tensão entre naturalidade (φύσις) e técnica (τέχνη) já estava presente desde Antifonte, mas agora transformada em teoria positiva e sistemática. Enquanto Antifonte elaborava discursos com base em argumentos implícitos e raciocínios dedutivos, Dionísio de Halicarnasso valorizou a clareza e a pureza de estilo que Antifonte inaugurou de forma ainda bruta, e Aristóteles consolidou, em sua *Retórica*, os princípios do entimema e da organização lógica — aspectos que ecoam a preocupação com eficácia argumentativa já perceptível em Antifonte.

Portanto, a trajetória que parte de Antifonte, atravessa Dionísio de Halicarnasso e Aristóteles, e se cristaliza em Hermógenes de Tarso, demonstra que o legado do primeiro logógrafo não se limita à prática judiciária, mas se estende como um fundamento essencial para a retórica clássica. Sua combinação de precisão argumentativa, domínio técnico e reflexão sobre o uso da linguagem mostra que, mesmo que seu nome apareça de forma discreta nos tratados posteriores, sua contribuição se inscreve na base do pensamento retórico grego (Hermógenes de Tarso, 2008, p. 48)

CONCLUSÃO

O estudo da tradição retórica clássica, a partir da leitura do Códice 259 da *Biblioteca* de Fócio, permitiu compreender não apenas os traços específicos da obra de Antifonte, mas também aspectos mais amplos da crítica literária clássica, helenística e bizantina. A tradução aqui apresentada e comentada evidencia como Fócio, Patriarca e erudito do século IX EC, preservou, avaliou e reinterpretou uma parte significativa do legado retórico ateniense, oferecendo informações valiosas sobre a produção, o estilo e o perfil intelectual de Antifonte — figura central na transição entre o discurso prático dos logógrafos e a reflexão sistemática dos sofistas e filósofos posteriores.

Ao analisar a ênfase na precisão ($\tauὸ ἀκριβές$), na persuasão ($\tauὸ πιθανόν$) e na habilidade inventiva ($περὶ τὴν εὕρεσιν δεινὸν$), ressaltam-se virtudes essenciais da retórica clássica, que ecoam em teorias retóricas posteriores, como o entimema de Aristóteles, a pureza de estilo valorizada por Dionísio de Halicarnasso e a classificação das formas do discurso elaborada por Hermógenes de Tarso. A oposição entre a naturalidade do discurso de Antifonte e o uso consciente de figuras de pensamento ($σχῆματα κατὰ διάνοιαν$) sublinha uma tensão histórica entre clareza argumentativa e ornamento formal — tema que atravessa a tradição grega desde os primeiros logógrafos até os oradores da Segunda Sofística.

Além disso, a pesquisa demonstrou como o trabalho de Fócio se insere na longa tradição de transmissão textual e crítica erudita, que conecta Atenas a Constantinopla, funcionando como elo fundamental entre o mundo clássico e o medievo bizantino. Sua *Biblioteca* permanece como testemunho do vigor intelectual de Bizâncio e do papel crucial que monges, copistas e estudiosos tiveram na preservação de obras fundamentais, muitas das quais chegaram fragmentadas, mas não silenciadas, ao mundo moderno. Autores como Gagarin (2002) e Maidment (2007) ressaltam a importância de situar Antifonte dentro do contexto do discurso jurídico e político da Atenas do século V AEC., marcado por disputas intensas, transformações institucionais e experimentações retóricas que moldaram a oratória como uma arte técnica ($τέχνη$).

Assim, esta monografia oferece não apenas uma tradução inédita para o português, mas também reflexões críticas sobre a teoria retórica (λόγος, σχῆμα, λέξις, εὑρεσίς) e sobre os mecanismos de preservação, adaptação e reinterpretação do saber clássico no âmbito bizantino. A abordagem adotada contribui para fortalecer a ponte entre os estudos de língua grega, história intelectual e teoria literária, sublinhando o potencial de iniciativas como o *Projeto Fócio* para democratizar o acesso a textos ainda pouco explorados no contexto dos Estudos Clássicos em língua portuguesa.

Em última instância, revisitar Antifonte por meio das lentes de Fócio, Dionísio, Aristóteles e Hermógenes, permite perceber que a retórica grega não é apenas uma técnica de convencimento, mas um testemunho de como o poder da palavra — λόγος — modela a vida política, social e intelectual. Seu trabalho, datado do final do século V AEC, surge em um momento de intensas transformações em Atenas, marcado pela Guerra do Peloponeso e pela breve instalação do regime oligárquico dos Quatrocentos (411 AEC.), no qual o próprio Antifonte desempenhou papel decisivo. Sua execução, motivada por acusações de traição, ilustra dramaticamente como o discurso era, em Atenas, inseparável do jogo de forças políticas, éticas e judiciais que moldavam a pólis.

Desse modo, o legado de Antifonte reafirma a atualidade de se estudar a retórica, não apenas como objeto histórico, mas como prática viva, um espaço onde o rigor do argumento, a arte da invenção e a tessitura estética das palavras continuam a inspirar investigações acadêmicas, práticas pedagógicas e reflexões críticas no campo das Letras Clássicas. Reabrir suas páginas é, portanto, reativar o diálogo ininterrupto entre razão, linguagem e poder, tão necessário ainda hoje.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Constituição de Atenas**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Edipro, 2007..
- ANTIFONTE. **Testemunhos, Fragmentos, Discursos**. Edição Bilíngue (grego-português). Prefácio e Tradução por Luís Felipe Bellintani Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- ANTIPHON & ANDOCIDES. **Minor Attic Orators**. Translated by K. J. Maidment. vols. I and II. Loeb Classical Library 308. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1941.
- BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 6^a ed., 2000.
- BEKKER, Immanuel. Photii **Bibliotheca**. Berlim, 1824.
- DE ROMILLY, Jacqueline. **A moral dos sofistas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DIONÍSIO DE HALICARNASSO. **Sobre os Oradores Áticos** (Περὶ τῶν Ἀττικῶν ῥητόρων). In: USHER, S. Dionysius of Halicarnassus: Critical Essays. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- DOVER, K. J. **Greek Popular Morality in the Time of Plato and Aristotle**. Berkeley: University of California Press, 1974.
- FOZIO; BIANCHI, Nunzio; SCHIANO, Claudio. **Biblioteca**. Pisa: Edizioni della Normale, 2019.
- GAGARIN, M. Antiphon: **The Speeches**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

- GAGARIN, M. ; MACDOWELL, D. **Antiphon and Andocides**. Austin: University of Texas Press, 1998.
- GAGARIN, Michael. **The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome**. Editor(s): Michael Gagarin, E. Matthew. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- HERMÓGENES DE TARSO. **Sobre as Formas do Estilo**. Tradução, introdução e notas de Luís Antônio de Oliveira Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GUTHRIE, W. K. C. **Os sofistas**. São Paulo: Loyola, 2007.
- KENNEDY, G A. **The Art of Rhetoric in the Roman World: 300 B.C.–A.D. 300**. Princeton: Princeton University Press, 1972.
- KENNEDY, G A. **The Art of Persuasion in Greece**. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- KERSHAW, S. **A Brief Guide to Classical Civilization**. London: Robinson, 2010.
- LIDDELL & SCOTT. Greek-English Lexicon. Oxford: OUP, 9^a ed., 1996.
- MAIDMENT, K. J. **Minor Attic Orators II**. Cambridge, MA: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1941.
- PLATÃO. **Protágoras**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2007.
- TODD, S. C. **The Shape of Athenian Law**. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- WILSON, N G. **The Scholars of Byzantium**. London: Duckworth, 1983.